

Aventura na escola pública: parceria e possibilidade.

Pereira, D. W.; Galindo, C. B.; Paula, R. O.

Universidade Nove de Julho, São Paulo

RESUMO

A aventura é um tema ainda incipiente nas aulas de Educação Física escolar, quer seja pelos perigos que suscita, ou pelas dificuldades que o professor tem em conhecer suas peculiaridades para incorporá-la ao seu programa de ensino. Esta pesquisa ação buscou desenvolver uma intervenção numa escola pública para promover reflexões que permitam mudanças nesse paradigma. Foram realizadas cinco aulas em cada um dos temas (parkour, slackline e skate) com uma metodologia que propiciava tanto a prática quanto a compreensão da proposta de ensino da aventura pelos alunos do ensino fundamental. Concluiu-se que essas práticas podem ser desenvolvidas pelos professores, mas que a busca de conhecimentos específicos requer um processo de formação contínua dos docentes.

ABSTRACT

The adventure is an incipient theme in physical education classes, either because of the dangers it causes or the difficulties that the teacher has in knowing their peculiarities to incorporate into the school program. This action research sought to develop an intervention in a public school to promote reflections that allow changes of this paradigm. Five classes were held in each of the themes (parkour, slackline and skateboarding) with a methodology that provide both practice and understanding of the adventure teaching proposal by elementary students. It was concluded that these practices can be developed by teachers, but that the search for specific knowledge requires a process of continuous training of teachers.

INTRODUÇÃO

Os professores de Educação Física escolar sofrem com a falta de motivação dos alunos nas aulas, seja pela pouca credibilidade do conteúdo na formação dos jovens, ou pelas contingências da entrada da tecnologia na vida das pessoas. Buscar alternativas para gerar interesse dos alunos e aprendizagens significativas parece ser o desafio que estes professores terão pela frente.

Bracht (1999) aponta para a necessidade de contextualizar as práticas pedagógicas e ir além das técnicas de movimento. Sugere-se que a aventura seja uma boa opção para o professor atualizar suas ações didáticas atender a necessidade de pertinência dos conteúdos. Pereira e Armbrust (2010) acreditam que uma pedagogia da aventura pode ser utilizada no ambiente escolar com forma de controlar os riscos da prática, promovendo a formação cidadã com atividades

que fazem parte da cultura corporal e que nem sempre são acessíveis a maioria dos jovens de escolas públicas.

O objetivo dessa pesquisa foi verificar a dificuldade de inserir esse tema na escola e propor soluções metodológicas que possam ser aproveitadas pelo professor para refletir sobre a aventura como uma inovação na Educação Física escolar.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa ação com a intenção de utilizar técnicas de pesquisa educacionais que permitam melhorar uma prática (TRIPP, 2005). A pesquisa foi realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Esportes de Aventura Escolar (GEEDAE - UNINOVE), com projeto aprovado pelo Comitê de Ética e posterior assinatura do TCLE pelos participantes da pesquisa. A pesquisa contou com 4 fases:

1ª abordagem de uma escola pública de São Paulo que concordasse com a aplicação de aulas de aventura nas Educação Física, na qual se conheceu uma escola com interesse tanto da direção quanto da professora de Educação Física em realizar tal projeto;

2ª planejamento junto com a professora da escola para definição das atividades a serem desenvolvidas com as crianças e a faixa etária que seria possível realizar as aulas, bem como definição dos recursos materiais que viriam da escola e do GEEDAE para a promoção das práticas. Observa-se que os materiais utilizados nas aulas (skates e fitas de slackline) eram do GEEDAE, já a escola continha os colchões, cones, plintos, sala de vídeo e quadras que foram usados nas intervenções;

3ª aplicação de 15 aulas, sendo 5 de cada um dos temas de aventura - parkour, slackline e skate para 24 alunos do ensino fundamental I da escola, sendo uma aula por semana de 50 minutos;

4ª descrição das aulas em diário de campo para discussão e reflexão junto com a professora da instituição, processo realizado pelos pesquisadores e posteriormente utilizado tanto para as conversas com os alunos nas aulas, quanto para as discussões com a professora dos resultados das aulas;

5ª avaliação da ação educativa e verificação de aspectos positivos e negativos do processo educacional, que possibilitassem futuras inserções pela própria professora desse conteúdo em suas aulas.

RESULTADOS

Tendo sido definidos os objetivos das aulas em conjunto com a professora da escola, como:

- Possibilitar a experiência lúdica, criativa e participativa nas atividades;

- Desenvolver as capacidades físicas: força, velocidade, agilidade, equilíbrio e flexibilidade;
- Desenvolver as habilidades motoras fundamentais e a combinação de movimentos;
- Identificar os fundamentos das modalidades;
- Conhecer as características históricas e culturais de cada tema.

Começaram os professores do GEEDAE com participação da professora, questionando os alunos sobre seu conhecimento prévio em relação a cada um dos temas que seria desenvolvido naquele dia. Esse procedimento era realizado em uma roda de conversa no início das intervenções.

A seguir um aquecimento com exercícios (saltos, corridas, alongamento) e jogos (imitar animais, pega-pega, duro ou mole) eram propostos para preparar os alunos para o objetivo principal.

Vídeos também foram exibidos para que os alunos compreendessem melhor as atividades em algumas das intervenções. Os debates sobre os filmes ampliavam a curiosidade nas atividades e evidenciavam o desejo de entender como se organizam os grupos que praticam essas modalidades esportivas.

Na parte principal foram desenvolvidos exercícios de cada modalidade. No parkour circuito com colchonetes para a execução de rolamentos, com cones para saltos e plinto para a transposição do mesmo foram alguns dos movimentos executados. Nas aulas de slackline os alunos aprenderam a montar a fita e conheceram sobre as posições do corpo que facilitam a obtenção de estabilidade corporal. Já no skate as atividades começaram com os alunos desenhando no chão com giz um skate para aprender o posicionamento dos pés e na sequência foram desenvolvidos movimentos de equilíbrio sobre a prancha, a remada e as curvas.

Em todas as aulas também eram propostos jogos e brincadeiras para explorar a ludicidade inerente às crianças. No parkour o jogo de polícia e ladrão foi uma das propostas, tendo como campo de jogo um percurso em que os alunos deveriam fugir da polícia passando pelos obstáculos. No slackline a brincadeira era equilibrar-se na extremidade da fita, enquanto um colega ficava na outra ponte, e aquele que caísse da fita dava lugar para outro colega que desafiaria o que permaneceu em cair. No skate, uma das brincadeiras foi a mãe da rua, em que o skatista ficava na “rua” sobre o skate e deveria pegar os colegas que sem skate deveriam atravessar, quem fosse pego tomava o lugar do skatista.

Na última aula de cada modalidade foi observada e anotada a melhoria de cada aluno e eles tinham a oportunidade de dar a opinião sobre sua evolução e mostrar suas dificuldades e seus anseios. Assim eles avaliavam a si mesmos e às próprias propostas de ensino.

Observou-se que houve uma melhoria técnica dos alunos em quase todas as habilidades requeridas e que os alunos solicitaram a continuidade de aulas de aventura na escola. Sugerem ainda que gostariam de aprender outras modalidades como a escalada e o rapel. Outro aspecto revelado foi a apreensão de novos conhecimentos sobre a história e a cultura das

modalidades que eram aspectos desenvolvidos durante os jogos e discutidos ao final das aulas com os alunos.

A professora de Educação Física da escola sugeriu aos alunos que na próxima assembleia dos alunos com a direção, que solicitem a aquisição de skates para que atividades como essas possam continuar ocorrendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que a professora da escola gostou das intervenções e sentiu a necessidade de aumentar seu conhecimento nesse tipo de atividade, pois segundo ela houve maior atenção e participação dos alunos nessas aulas, do que com os conteúdos tradicionais. O conteúdo foi bem recebido e relevante para os alunos, mesmo sendo uma comunidade com carência econômica e os alunos não tendo acesso a esse tipo de atividade em seu dia a dia.

Os alunos a cada intervenção se concentravam mais nos desafios propostos e aos poucos diminuíam os conflitos internos que ocorriam com frequência nas primeiras aulas, como brigas, xingamentos e empurrões. A prática do auxílio de um colega ao outro nas aulas, usada para melhorar a segurança em algumas atividades, foi considerada importante para a maior cooperação entre os alunos.

Percebeu-se que a carência de equipamentos pode ser um fator limitante da aventura na escola e que o maior conhecimento sobre as modalidades pode diminuir essa lacuna, pois algumas práticas podem ser adaptadas, como aponta Franco (2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos CEDES*. Ano XIX, n.48, agosto de 1999.

FRANCO, L. P. *Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade), 134f. – Instituto de Biociências Universidade Estadual Paulista – UNESP. Rio Claro, 2008.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. *Pedagogia da Aventura: Os esportes radicais, de aventura e ação na escola*. Jundiaí – SP: Fontoura, 2010.

Notas dos autores:

Dimitri Wuo Pereira é docente do curso de Educação Física da UNINOVE.

Camila Bianca Galindo e Renan Oliveira de Paula são graduados em Educação Física pela UNINOVE.

Contato:

Dimitri Wuo Pereira
dimitripereira@uni9.pro.br

Agradecimentos: Universidade Nove de Julho - UNINOVE

